

A large, light green circular background containing various religious and cultural symbols in a lighter shade of green. These symbols include a Yin-Yang, a crescent moon with a star, a Swastika, a cross, a Star of David, a Khanda, a Om symbol, a caduceus, a menorah, a gear, a star, and a cross with a circle in the center.

ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DO MST: UMA EXPERIÊNCIA NO ASSENTAMENTO ELI VIVE EM LONDRINA/PR

Lenir Candida de Assis (UEL-PG) ¹

279

Resumo: A complexa teia que envolve religião, política e sociedade possibilita uma investigação sob diversos aspectos, formas e dimensões, nas quais as relações se dão em múltiplos campos, o que permite às ciências sociais uma variedade de pesquisa, considerando que o campo religioso tem na sua essência, uma diversidade nas suas formas de abordagens. Em pesquisa² realizada em um dos territórios do MST, o assentamento Eli Vive, em Londrina/PR, a autora atribuiu o nome de Mística Político-Social às manifestações de religiosidade ali observadas e investigadas. O objetivo deste texto é mostrar os aspectos mais relevantes observados na pesquisa; como essa mística se relaciona com o aspecto político da proposta do MST e como os agentes do movimento reconhecem essa mística como elemento importante para a resistência dos trabalhadores nos acampamentos, espaço político de conflito e disputa pela terra. A pesquisa foi feita através de observação, participação nas atividades do assentamento Eli Vive e entrevistas com roteiro semiestruturado, o que possibilitou verificar como esse modo de viver a religiosidade se materializa na proposta do assentamento Eli Vive.

Palavras-Chaves: Mística. MST. Religiosidade. Política.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Assentamento Eli Vive, localizado no distrito de Lerroville a 50 km de Londrina, onde ocupa as antigas Fazendas Guairacá e Pininga. Passados dez anos da oficialização da desapropriação das fazendas para fins da reforma agrária, no governo da Presidente Dilma Rousseff (PT), em 2011, o assentamento conta com 501 famílias assentadas, vindas de várias partes do Paraná. O estudo buscou compreender a forma como a mística do MST está inserida no assentamento Eli Vive, percebendo sua disseminação, caracterização e atuação nas relações internas, sociais e políticas dos assentados. Uma das hipóteses trabalhadas, foi a de que essa mística teria uma interferência significativa na base formativa do MST, tornando-a um elemento substancial para a resistência dos trabalhadores e

¹ Doutoranda em Sociologia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail de contato: lenirdeassis@gmail.com

² Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, 2019 – A Mística Político-Social dentre os militantes do MST no Assentamento Eli Vive em Londrina-PR.

trabalhadoras rurais nos ambientes de conflitos e violência na luta pelo direito à terra.

Problemas levantados e investigados na pesquisa foram, entre outros, o fato dos militantes permanecerem organizados nos acampamentos e assentamentos, em ambientes marcados por conflitos, enfrentamentos e violência. O que levaria as pessoas a viverem e a morrerem em nome dessa luta? Como o movimento tem garantido sua longevidade e de que forma tem sustentado e mantido seus militantes mobilizados?

O estudo se baseou em pesquisa documental relacionada à história do campesinato naquele território, desde a primeira ocupação em 1991 até 2009, quando o movimento ocupou pela segunda vez aquela área, culminando em negociações com o governo federal, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) até a posse da terra em 2013, com o sorteio dos lotes.

O estado da arte revelou ser aquele ambiente, um espaço oportuno para diversos campos de pesquisa, tendo sido objeto investigado pela geografia, serviço social e comunicação.

A bibliografia selecionada tratou da luta pela terra, dos conflitos agrários e da mística do MST. O trabalho de campo realizou-se em dez visitas, objetivando entrevistas preliminares e com roteiro semiestruturado³, observação participativa nos momentos celebrativos do assentamento, jornadas agroecológicas, manifestações e participação em reuniões com os dirigentes que propiciaram aproximação com o objeto pesquisado. Os entrevistados foram indicados pelos dirigentes das brigadas⁴ e as entrevistas se deram de forma voluntária com termo de “livre-consentimento”, sendo gravadas e utilizadas posteriormente com recortes intencionais no decorrer da dissertação.

As hipóteses levantadas para a pesquisa foram utilizadas como norteadoras no processo investigativo, obtendo como resultado um conceito de mística ligado ao político e ao social, um instrumento de simbolismo e subjetividade capaz de agregar e motivar o indivíduo e, ao mesmo tempo, intensificar-se em momentos específicos de formação e ação, frente à realidade local em que estão inseridos e em diferentes conjunturas política e social do país.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

³ Nesse tipo de entrevista, o entrevistador elabora um determinado número de questões que possuem uma Sequência contextual no roteiro, podendo, em caso de necessidade, adicionar questões extras no guia de perguntas, já que o pesquisador possui uma postura ativa e flexível nesse tipo de entrevista (COLOGNESE; MELO, 1998).

⁴ As brigadas são núcleos de moradia, habitacional e de base, comum nos acampamentos e assentamentos do MST. In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 4, 2021, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2021.

O estudo aprofundou uma bibliografia e documentos previamente selecionados que apresentam uma diversidade de conceitos atribuídos à mística⁵, que - em grande parte - traz o sentido de mistério. Mistério vem do grego *mysterion*, que vem de *múen*, que remete ao sentido de algo não comunicado de uma realidade ou intenção (BOFF; BETTO, 1993), que, de forma geral, não se define teoricamente, mas se mantém ligado a uma experiência de religiosidade ou de espiritualidade. O estudo sobre a mística permite compreendê-la em campos distintos: teológico, antropológico e sociológico, área de interesse deste estudo.

A mística, portanto, possui um potencial crítico, capaz de nos fazer enxergar com novos olhos o debate em torno da questão da racionalidade que, como sabemos, é um dos pontos centrais da discussão filosófica e da teoria social contemporânea. É a partir deste ângulo que vamos abordar discurso sociológico sobre a mística (SELL, 1994, p. 7).

As fontes bibliográficas pesquisadas mostram que a mística se configura com uma ação que, mesmo na subjetividade, ancora a luta que está na essência da formação dos militantes. Em se tratando de mística nos ambientes marcados por conflitos, tensões e disputas políticas e, no caso do MST, pelo meio de produção, ela adquire um outro sentido, que permite catalisar forças mobilizadoras.

Para o sociólogo Michael Löwy (2005), a espiritualidade popular do MST se manifesta como forte componente místico capaz de mobilizar as pessoas na radicalidade por uma sociedade sem classes.

Quanto ao MST, que tem suas raízes socioculturais na Pastoral da Terra da Igreja Católica, nas comunidades de base e na Teologia da Libertação, ele também se caracteriza por um misto espantoso de religiosidade popular, revolta camponesa "arcaica" e organização moderna, na luta radical pela reforma agrária e, a longo prazo, por uma "sociedade sem classes". Esse movimento, de forte componente emocional, "místico" - é o termo que utilizam os próprios militantes para designar o estado de espírito dos participantes - ou "milénarista" (no sentido mais amplo do termo), reúne centenas de milhares de camponeses, meeiros e trabalhadores agrícolas e tornou-se hoje o mais importante movimento social do Brasil, a principal força de contestação (LÖWY, 2005, p. 5).

Os autores pesquisados mostram que o processo de organização, em especial a capacitação dos agentes do MST, se sustenta em grande medida, na chamada mística que é apresentada nos documentos orientadores do movimento. Muitos pesquisadores se dedicam a

⁵ A palavra "mística" teve sua primeira aparição no escrito de Dionísio Areopagita, datado entre o final do século V e início do século VI da era cristã.

aprofundar o lugar da mística no processo de formação dos movimentos sociais, especialmente o MST, como descreve Coelho (2010, p. 119):

O Movimento há anos tem investido na prática da mística, bem como buscado teorizá-la. Para compreender a mística no MST não se pode ficar preso aos sentidos clássicos que envolvem esse conceito, pois no movimento ele ganha outros sentidos. Mística no MST deixa de ser algo apenas abstrato para se transformar em prática que, por sua vez, carrega muitas intencionalidades. A partir de alguns materiais publicados em seu interior, é possível fazer reflexões de como o movimento concebe a mística ou a sua mística. Não obstante, é preciso analisar as ideias e concepções sobre a mística em sua temporalidade, também como essa prática foi se consolidando e se desenvolvendo com o tempo. À medida que a mística ganhou destaque entre as práticas do movimento, houve a necessidade de refletir mais profundamente sobre ela, fato que fica evidenciado na quantidade de materiais publicados.

A socióloga Maria da Glória Ghon (2009) ressalta que os movimentos sociais cumprem um papel importante na formação de agentes, que reúne habilidades e aprendizagem de saberes para a vida em ambientes coletivos

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais (GHON, 2009, p. 31).

Constam das fontes documentais nos arquivos do MST, cadernos de formação datados de 1993, conteúdos metodológicos trabalhados nas escolas dos acampamentos e assentamentos. Chamou a atenção o destaque dado à mística do MST.

Mística é o que anima a ação; animar significa dar vida, pôr alma e energia naquilo que se faz; A mística nasce do coração. É a dimensão do sentir, do querer, do amor e do ódio, do sonho e da rebeldia, da alegria e da esperança. A mística é também uma crença num projeto de sociedade, e num ideal de vida (MST, 1993, p. 1).

Os documentos foram tomados como representativos dos requerimentos práticos para os quais foram construídos. Examinou-se o que Cicourel (1969) chamou “estruturas de significado não-declaradas” dos documentos. O documento em si é tomado como representativo de algum padrão social ou valor de uso subjacente (MAY, 2004, p. 212). Os documentos em estudo reafirmam os mais essenciais princípios da socialização dos meios de produção com um importante nexos aos elementos da materialidade marxista.

Longe de estabelecer uma separação artificial entre luta econômica e luta política, Marx propõe uma interação entre ambas as dimensões, pois, se a luta dos trabalhadores pode se limitar a questões imediatas, objetivando melhorar suas condições de vida sob o capitalismo, numa perspectiva de integração à ordem, ela também pode, dependendo da orientação político-ideológica de suas organizações, atingir interesses de classe da burguesia, articulando-se a luta pelo socialismo (GALVÃO, 2011, p.115).

O estudo apontou que, no *lôcus* da pesquisa, o assentamento Eli Vive, as práticas pedagógicas desenvolvidas - dentro e fora do ambiente escolar - possibilitam uma vivência que fortalece a identidade daqueles sujeitos como agentes de transformação desde a infância. O ato de educar, como na pedagogia freireana, é construir sujeitos mais humanos, em que a memória histórica, a cultura, a simbologia e a razão utópica da ação contribuem para a educação emancipatória. Para o educador Paulo Freire (1997), a educação age como um processo autorreflexivo, auto executável e autocrítico com poder de interferir nas mudanças de vida das pessoas.

A emancipação forma uma nova cultura, uma ética livre, a real cidadania. Quando homens e mulheres, ao longo da história, [...] inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (FREIRE, 1997, p. 100).

O processo de transformação, para o qual Paulo Freire chama a atenção, ficou evidenciado nos depoimentos coletados na pesquisa de campo e na observação participativa nas atividades no assentamento Eli Vive, quando, o que aqui chamamos de mística político-social, se materializa em casos reais, por meio da efetivação de projetos construídos na coletividade.

A mística é estrategicamente preparada, de acordo com uma temática e com a realidade do grupo para quem será apresentada. Os momentos de mística nunca devem estar desconfigurados do tempo, da realidade do grupo e do próprio Movimento, caso contrário, ela não produziria efeitos. Se a mística não contemplar a realidade do grupo, para qual está sendo apresentada, acaba não tendo sentidos para a vida dos sujeitos. Os integrantes do Movimento precisam se ver e serem reconhecidos na mística. E, se ela não preconizar aquilo que o MST deseja e intenta para sua organização, não se torna um *poder eficaz*. Para tanto, não é só fazer a mística, mas executá-la tendo um alvo a alcançar, criando representações sobre aquilo que se almeja para o momento, sempre pautado nos princípios e visões cultivados pelo MST (COELHO, 2010, p. 264).

A mística também é um processo pelo qual as pessoas adquirem o sentimento de pertença dentro da coletividade. Essa é uma das razões da pesquisa apresentar a mística do assentamento Eli Vive como político-social, compreendendo um componente estratégico na construção da base de formação do militante, uma vez que, estando os sujeitos envolvidos na construção de um novo modelo de sociedade, em que os pilares da luta do MST estejam presentes: terra, reforma agrária e a transformação social.

Deve-se considerar que existe uma complexidade em torno dos estudos realizados sobre a mística do MST, o que pode justificar a quantidade expressiva de pesquisas realizadas pelas diversas ciências nesse tema. Essa complexidade ganha materialidade quando a pesquisa se aproxima de fatos concretos no território de vida dos agentes pesquisados, em que a produção de alimentos, os projetos desenvolvidos, as organizações das mulheres, as parcerias, a solidariedade, o conhecimento técnico, as manifestações, as caminhadas, os ritos, as celebrações religiosas e espiritualidade, a simbologia do movimento são partes integrantes do processo de formação, de reflexão, de crítica e de uma mística que possibilita a existência de um vínculo estreito entre o conhecimento, a prática política e a luta pela busca da terra e tudo o que a envolve.

E por detrás dos mitos e ritos, cerimônias mágicas e benzeções, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que ténues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E os seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída (ALVES, 1999, p. 97).

O composto entre religiosidade, espiritualidade e mística, encontrado nas bibliografias pesquisadas, apresenta relação com a perspectiva de Georg Simmel (1997) que traz o aspecto da liberdade das pessoas em sua relação com o transcendente,

A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental. Uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita, ou não, em Deus (SIMMEL, 1997, p. 5).

Ao postular que a questão religiosa é essencialmente humana, Simmel (1997) revela a necessidade de se recriar de forma permanente na história, fazendo distinção entre as crenças religiosas ou não.

Embora a pesquisa em questão não tenha abordado os enfrentamentos de natureza religiosa presentes na atualidade, mesmo que haja possibilidade de conflitos dentro dos assentamentos do MST, é importante registrar que, na atual conjuntura política brasileira, em que as questões religiosas ocupam espaço na disputa ideológica na formulação da política pública, é possível afirmar que a Mística Político-Social observada no estudo, por meio das referências bibliográficas e os materiais extraídos do trabalho de campo, ocupam o lugar da resistência frente aos ataques promovidos pelo estado, contra os movimentos sociais e ao desmantelamento de políticas fundamentais para a sustentação do movimento⁶, na tentativa de influenciar diretamente o conhecimento e a formação de novos agentes de transformação social.

ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa bibliográfica e os depoimentos coletados durante a investigação, mostram que, na origem do MST, os trabalhadores rurais pertencentes ao movimento, tinham como prioridade a luta pela conquista da terra, o que prevalece até os dias atuais. Logo, compreenderam que essa seria apenas uma das metas a serem alcançadas, haja vista que a reforma agrária tratava-se de um novo projeto de sociedade. O trabalho, a produção, a vida digna no campo e na cidade, a distribuição das riquezas, a agricultura familiar, o fim do latifúndio, a agroecologia, a educação popular, fazem parte de um novo modo de sociedade em construção. Percebeu-se que a busca por novos conhecimentos seria o instrumento primordial para se alcançar os resultados esperados.

A resistência nos ambientes de conflitos exigiria um saber teórico para lidar com a prática diária, mas especialmente, para entender a dinâmica da contradição presente na conjuntura política, econômica, cultural e social ali instaurada. A educação tornou-se uma prioridade do movimento aliada à busca pela conquista da terra.

Contestam a ordem social pelo conjunto (contraditório) do que fazem nas ocupações, nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, na educação de suas crianças, jovens e adultos; pelo jeito de ser de sua coletividade, que projeta valores que não são os mesmos cultivados pelo formato da sociedade atual; fazem isto, sobretudo, pelo processo de humanização que representam, e pelos novos sujeitos que põem em cena na história do país (CALDART, 2001, p. 4).

⁶ Políticas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), linhas de crédito para agricultura familiar, entre outros, advindas do governo federal, especialmente a partir do governo de Michel Temer (2016).

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), 4, 2021, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2021.

Os agentes do MST, observados de forma intencional no assentamento Eli Vive, cumprem um papel estratégico para as mudanças estruturais da classe trabalhadora brasileira, uma vez que a terra é um bem vital, inalienável e que não se reproduz, um dos motivos de permanente disputa. A descentralização da terra enquanto um direito projeta-se para a urgência de um novo modelo e sociedade. Os agentes pesquisados acreditam que uma nova sociedade se faz com uma revolução alicerçada na base da formação dos militantes, que promovem uma mudança social, política e cultural. Dessa forma, torna-se evidenciada uma mística enquanto mistério, que não se revela, mas atua na subjetividade dos fatos.

O estudo buscou elementos para aprofundar o sentido da mística no território pesquisado que, conforme as bibliografias e os documentos investigados, estariam presentes na vida dos assentados e que, de forma subjetiva, fortalecem suas lutas. A partir dos dados coletados, tornou-se possível descrever e compreender a mística do assentamento Eli Vive como um conceito definidor de mística político-social.

As evidências foram constatadas nas atividades assistidas durante a pesquisa, como reuniões com as lideranças, passeatas, romarias da terra, Festa da Batata-doce, Jornada Agroecológica, celebrações de aniversário do assentamento. Em todos esses espaços, a mística se fez presente em símbolos, nas falas, nos gestos, nas canções, nas reflexões e - de forma especial - nos compromissos assumidos conjuntamente, seguindo o que preconizam os princípios do movimento.

A mística é muito importante. Nós vivemos essa realidade de mística teórica, mas vivemos também na prática que é uma coisa muito importante. Nós fazemos e continuaremos a fazer. É um modo de se expressar sem falar. Hoje, vários outros grupos vêm adotando a questão da mística. A mística faz parte da formação dos militantes. O militante do MST hoje, ele tem que passar por um processo de acampamento, de trabalho de base para ele entender a questão do MST, os princípios do MST, a organização, o regimento. É aí ele vai entender a mística que ele está vivendo, a mística que vai fazer, que vai elaborar, a mística serve para desenvolver a mente da pessoa e mostrar para as outras pessoas qual é o significado do nosso movimento (ENTREVISTADO 3, 2019).

Outro entrevistado, ao ser interrogado sobre o sentido da mística, faz memória daqueles - que durante a trajetória entre acampamentos e despejos - tiveram suas vidas ceifadas pelo poder dos latifúndios e seus aliados (oficiais ou para-oficiais), ou mesmo, pela força coercitiva do estado repressor.

Já vimos muitos companheiros e companheiras tombarem nessa luta. Mas a luta não é para nós apenas, é para nossos filhos e toda sociedade. Os Sem Terra morrem para ter uma nação livre. Esse é o sentido de permanecer até com as crianças nesse lugar, longe dos parentes (LINO, 2018).⁷

O sujeito entrevistado, cujo nome é fictício, ao falar de sua relação com o movimento, ressalta o trabalho em conjunto, enfrentando as diversidades ali encontradas, incluindo aqueles que já perderam suas vidas na busca pela terra. Um exemplo está no próprio nome do assentamento Eli Vive, que faz referência ao camponês Eli Dallemole, assassinado no Assentamento Libertação Camponesa, em Ortigueira, região central do Estado, em março de 2008.

Outra entrevista descreve a mística numa relação entre a base teórica e a prática, afirmando ser a mística, um elemento que compõe a formação dos militantes.

A mística é importante, faz formar o militante com outra mentalidade, diferente. Ele tem outra visão porque na mística passa muita coisa boa...clareia... a pessoa através de uma mística abre a mente dela... hoje em dia já formou professor dentro do movimento, formou até médico. A mística abriu a cabeça de que tem que seguir um caminho. A mística ajuda bastante (ENTREVISTADO 2, 2019).

Ainda no contexto da formação, outros depoimentos aparecem, ampliando o conceito de educação, conforme relata a jovem Maria Clara:

Transformar o sonho do acesso à terra em uma realidade como a do Eli Vive, exige manter vivo esse sonho, fazer com que algo que nos pareça utopia, ganhe forma e vida através da solidariedade aos companheiros e companheiras, no trabalho coletivo, na luta política diária. Isso aprendemos nos bancos da nossa escola e em cada atividade desenvolvida. Tudo é formação libertadora que nos faz acreditar, lutar e resistir. É o sonho e a luta caminhando juntos, mas todos juntos. Hoje somos muito mais fortes. Nada nos faz desistir” (CLARA, 2018).⁸

O problema levantado na pesquisa durante o estudo foi: o que leva as pessoas a viverem e a morrerem em nome da luta? Questão que ajuda a aprofundar a hipótese de que a mística político-social está presente na base formativa dos agentes, tornando-se elemento essencial na qual a resistência se ancora. Ademar Bogo (2010, p. 8), poeta do MST, trata a mística como parte da luta e da vida.

⁷ Nome fictício para preservação da identidade

⁸ Nome fictício para preservação da identidade

Há exemplos diversos na história de lutadores que, motivados pela fé, transformaram a justiça em causa política e entregaram a vida para alcançar este fim. Nas lutas de milhares de camponeses, percebe-se que, junto com a rebeldia, estão as crenças religiosas. São valores culturais que ajudam a fortalecer a luta de classes.

Partindo da compreensão do que seria a mística para os assentados do Eli Vive, fica evidenciado que a mística político-social exerce uma singular contribuição enquanto base formativa dos agentes, sendo expressa na forma da arte, nas celebrações religiosas, nos embates políticos e ideológicos, na solidariedade, nas festas e na presentificação daqueles e daquelas que morreram nos processos vinculados ao movimento social, resultado de conflitos nos territórios agrários. A esse conjunto de motivações, que incorpora a simbologia e a práxis no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é o que chamamos neste estudo de mística político-social. É política e é social, porque se traduz em coletividade, extrapolando o limite territorial dos assentados. A luta, a mobilização, a produção de alimentos saudáveis, a educação emancipatória e libertadora, a descentralização da posse da terra, o não uso dos agrotóxicos, a agroecologia, a liberdade são elementos constitutivos que impulsionam a mística, que é política e social, porque é para o conjunto da sociedade.

A pesquisa conclui que a mística político-social é uma convergência entre objetividade e subjetividade, que vincula aspectos da política, da ideologia e da prática. No processo formativo, a mística político-social propicia, a partir de seus símbolos, suas narrativas e da sua trajetória histórica, um fortalecimento no campo da resistência, associado a um projeto de nova sociedade que se faz determinante para a consolidação das identidades, dos vínculos de pertencimento e da formação da militância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- AREOPAGITA, PSEUDO-DIONÍSIO. In: HISTÓRIA da Igreja. 2019. Disponível em: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/a/areopagita-pseudo-dionisio-sec-iv-v-/>. Acesso em: jun. 2019.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. São Paulo: CEPIS: Movimento Fé e Política, 1993. Texto de apoio.
- BOGO, Ademar. **A mística**: parte da vida e da luta. 2010. Disponível em: <http://base.d-p->

h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html. Acesso em: 15 jun. 2019.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, dez. 2001. Doi: 10.1590/S0103-40142001000300016.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: CICOUREL, Aaron. **Method and measurement in sociology**. 6. ed. Nova Iorque: Free Press, 1969. p. 72-89.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. Dourados: UFGD, 2010.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p.143-159, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALVÃO, Andréia: Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 32, p. 107-126, 2011.

GHON, Maria da Glória. Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 31, 2009.

LÖWY, Michael. A mística da revolução. **Trabalho Necessário**, Niterói, ano 3, n. 3, 2005.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Como trabalhar a Mística do MST com as crianças?** Brasília: MST, 1993. (Boletim da Educação, n. 2).

SELL, Carlos Eduardo. **Do marxismo à mística**: os novos rumos da teologia da libertação. 1994. Disponível em: <https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-em-gestao-de-politicas-publicas/cadernos-de-pesquisa/Documents/caderno-pesquisa-06.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

SIMMEL, Georg. **Essays on religion**. New Haven: Yale University Press, 1997.

ENTREVISTAS PRELIMINARES

CLARA, Ana. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 02/08/2018.

LINO, Antônio. Nome fictício. Entrevista realizada dia 02/08/2018.

ENTREVISTAS COM ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO

ENTREVISTADO 2. Entrevista realizada no dia 20/03/2019.

ENTREVISTADO 3. Entrevista realizada no dia 26/03/2019.

* * * * *